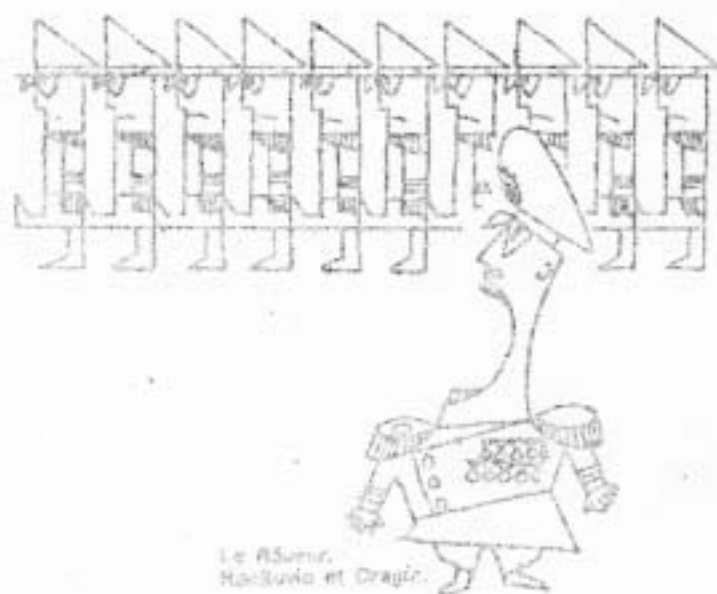


CICLO DE CINEMA DE ANIMAÇÃO

TEATRO DE GIL VICENTE

15, 16, 18, 19 de MARÇO pelas 17.30 horas



Le Rêveur.
Raoulviva et Dragée.

organização:

DGAC da Secretaria de Estado da Cultura

APCA Associação Portuguesa de Cinema de Animação

através:

CEC Centro de Estudos Cinematográficos da AAC

Delegação em Coimbra da APCA

PROGRAMAÇÃO

Segunda feira -dia 15

A Animação-Uma Nova Linguagem
A Animação como forma de divertimento
Cinema Experimental

espectaculos para todos

Terça-feira dia 16

Festival da Pantera Cor de Rosa

espectáculo para todos

Quinta feira - dia 18

Invenção e originalidade do Filme Checoslovaco
espectáculo para todos

Sexta feira -dia 19

O Submarino Amarelo

não aconselhável a menores de 13

... Quando ~~for~~ a abertura, no Festival de Cannes de 1955, caiu do Céu Blinkity Blank, foi a exploração não convencional, a perfeição "Dadaísta" no jamais visto, a vontade justificada de causar espanto, que levaram os juizes a recompensarem-no com o Palme d'Or.

Contudo, para lá dos paradoxos visuais, dos jogos de surpresas e de acasos do seu aproveitamento estranho, do tempo, do espelho, da luz ou do filme, a linha recta de uma escrita meditada, de um trabalho cujo rigor não se pode ultrapassar de um projecto que só agora se começa a compreender melhor o sentido e o significado, nesse envolvimento técnico novo que cada dia se instala, atropelando e pondo de lado todos os sistemas de comunicação e de criação de imagens, interliando particularmente ao cinema reconstruir o seu equilibrio de cultura.

... É provável que certos artistas - ou talvez, simplesmente, todos aqueles que são dignos desse nome se encontram na origem de uma transformação sistémica que, convidando os construtores de filmes a traçar os elementos inertes e sucessivos do movimento desenhado na própria película autoriza os cineastas de animação a dispensarem a "câmara" o que, apesar de tudo, constitui um escândalo, do ponto de vista dos Irmãos Lumière. Em 1894 Mallarmé anunciou a trinta espectadores escolhidos de Oxford uma surpreendente notícia:

"Nunca se viu caso semelhante. Tocaram nos versos". Hoje Len Lye e Kolaren merecem ser louvados como aqueles que "tocaram no Cinema". Assim, se bem que no-lo se tenha tentado escolher, existia duas maneiras de utilizar o sistema de construção, largar por largos do filme: o de Griffith e o de Kolaren.

Desta forma, nem tudo deve passar-se obrigatoriamente, no "Céran" ou nas filmagens, entre um local pitoresco, corpos preferidos e os tropismos de um autor completo.

A tira do filme constitui, pois, um elemento insubstituível.

... Para saber o que é o Cinema e não simplesmente aquilo em que se tornou, é necessário pegar no filme, tatear a película, considerar o original mais de perto, ler a partitura, apreciar o espaço que separa cada imagem inerte. No lugar da Arte cinematográfica tão exaltada pelos historiadores e os críticos, temos subitamente, duas.

Com as tatuagens sobre a película de Calour Box (1957) de Len Lye ou das de Love on wine (1957) traçadas por Kolaren, termina esta fatuidade



representativa do Cinema de tomada de vistas reais que as experiências de Egeling, os movimentos repetidos das fontes "bubalinas" de Richter ou de Finckinger, até mesmo a célebre dança da Banda sonora de fantasia, de Walt Disney, nunca tinham realmente ameaçado, anulado, pois, os caminhos de uma música - cine - pintura do que a revolução triunfante e de Kalarren, porque estas obras cinematográficas recomendam claramente a destruição dos objectos que se assemelham, e esse abandono dos espectáculos, que a pintura moderna ousara já. O cinema tem aí a sua grande revolução negra, pondo em evidência, com uma nova ferocidade perceptual e rítmica, conjuntos de sinais de uma pureza inédita.

... Mas sempre é fácil tranquilizar os espectadores, fazendo-os partilhar de um entusiasmo pela profissão, pela elaboração não dissimulada que preside à composição de todas as obras. Porque é preciso substituir os comentários usuais em que se aumentam os conteúdos e se sublinham os pontos de vista do autor por uma aproximação das ferramentas, processos e matérias, e distinguir, de facto, o que foi gravado com uma lâmina de barba ou o que foi riscado com uma agulha de coser.

... Convém lembrar que Kalarren confessa espontaneamente que só aprende um filme depois de ter sido provocado por um problema técnico e que, ao mesmo tempo que os seus filmes se desenvolvem com a naturalidade duma Associação de ideias, a sua palavra mágica é:

NUNCA

... Enquanto que o Cinema de animação tende hoje a desenvolver as qualidades gráficas, plásticas ou formas de humor paradoxais à custa do trabalho de animação, é sempre surpreendente reconhecer os riscos e perigos da criação artística, da importância da profissão e da extensão mais próxima da concepção que Valery tinha da arte - para Tapalinos, o arquitecto, não havia perigo na execução - de que aquela que a maior parte dos espectadores e realizadores têm do cinema (imagem por imagem ou não). Não é, pois, por acaso que os rascos do chefe de frases segmentadas e de apoios calculados de "Palmer", também se relacionam com as folhas de exposições estabelecidas para os Chants Populaires.

Para estes Criadores, o poeta das palavras e o das imagens - ao mesmo tempo crítico, enérgico e sujeito - deve-se realizar uma obra dependendo menos da inspiração que do exercício, deve igualmente oferecer-nos um produto destinado apenas a ser consumido por aqueles que



a ser gênese visível duma obra, de tal modo que a sua apresentação nos convidará a reviver, segundo por segundo, aquilo em que os olhos e as mãos não cessam de rivalizar com o pensamento.

... Actualmente, o impulso das tecnologias tende a orientar as preferências e os gostos, afastando-nos cada vez mais do antigo regime de idade mecânica caracterizado por um consumo guloso, passivo, especializado, de produtos empacotados, repetidos, idênticos, feitos para serem consumidos (Bobine de filme igual a pacote de farinha). Mas, há já muito que a variedade instrumental dá origem "do it yourself", que priva de senso a especialização produtor-consumidor ou do par prestidigitador, espantado. Ideia difícil de pensar hoje, quando a loucura analítica dos ensaios, os crimes dos mandarins, os mistérios das máquinas, o ideal hipócrita da vida consumidora provocam ainda arrebatamento, oferecendo essas formas de participação, prometidas a um grande desenvolvimento ainda incompreensível que os filmes de animação opõem ao acabado caricatural ou ao brilho plástico que caracteriza, demasiado facilmente, o filme de animação, um recurso a uma simplificação das formas e de traços cuja violência e precariedade podem parecer bárbaras.

Mas ainda aqui, como na caligrafia chinesa ou na iluminura medieval, é preciso aprender como reagem simultaneamente a ideia expressa, o suporte escolhido e o espaço recoberto. Que se obtenha imagens conformes com um estilete ou com um traço a pincel dos ideogramas chineses, o efeito gráfico deve tudo à escolha do processo: é imposto pela estreiteza do filme "standard" sobre o qual são gravadas as imagens reduzindo a representação do herói do filme a algumas peças retilíneas e a algumas rodélas de papel recortado; seja ainda que a redução gráfica forneça a única solução a um problema complicado: os desenhos simplificados traçados em pequenos cadernos de papel tornavam possível a elaboração, em condições difíceis impostas por uma revisão chinesa, dum conjunto de imagens em movimento destinado à educação de Baso, animadas por mão de mestre, cadernos de desenhos comparáveis, traçados a caneta de feltro, revelam-se, assim, os únicos capazes de modular convenientemente as células foto-elétricas do "erraz" de lâmpadas de Times Square, em Nova York. É preciso dar-se conta que, segundo as flechas, os algarismos e as letras com vida de Kalarén, vemos o desenho animado retornar ao ponto em que Walt Disney o tinha deixado e conduzido, no movimento, a um nível que é aquele ao qual Klee tinha levado a pintura.



Sabemos já que a importância das tecnologias novas vai modificar, cada vez mais abertamente, não só o equilíbrio secular dos nossos meios de comunicação como ameaça, mesmo transformar até a interligação habitual dos nossos sentidos. É com estes deslocamentos que o Cinema da inteligência proposto por uns tantos cineastas da animação, colocando o conhecimento do espírito acima do conhecimento do actual.

Será necessário que vejamos também a esse ponto, quando, desprezando os ardis das burocracias, os abusos do ponto de vista individual, os desacordos de mandarinato, de antecipação e de sistema, nos dermos por fim conta que a Informação, no sentido mais lato do termo, se tornou o único interesse, a única preocupação, o primeiro trabalho dos homens dos nossos dias.

(De extratos de autores diversos sobre Cinema de Animação)

Segunda-feira - 15 de Março

A ANIMAÇÃO - UMA NOVA LINGUAGEM

A ANIMAÇÃO COMO FORMA DE DIVERTIMENTO

- CATUOR - Judith Klein (Canadá, 1970)
MY FINANCIAL CAREER - Gerald Potterton (Canadá, 1962)
MATRIOSKA - Co Hoedeman (Canadá, 1970)
LE CADEAU - Jacques Vasseur (França, 1961)
L'OISEAU - Richard Robert e Jacques Vasseur (França, 1965)
LE CHIEN MÉLOMANE - Paul Grimault (França, 1973)

Intervalo

CINEMA EXPERIMENTAL

- SYNCHRONIE - Norman McLaren (Canadá)
UNIVERS - Manuel Otero (França, 1969)
SYRINX - Ryan Larkin (Canadá, 1965)
BALABLOK - Bratislav Pejar (Canadá, 1972)
RENAISSANCE - Walerian Borowczyk (França, 1963)
TÊTES EN FLEURS - Bernard Longpré (Canadá)

Espectáculo para todos

DEFINIÇÃO DE ANIMAÇÃO

Cinema de animação, do grego kinema, movimento; e do latim animare, dar vida.

Criação cinematográfica realizada imagem por imagem. O cinema de animação difere do cinema de imagem directa pelo facto deste proceder a uma análise mecânica, por meio da fotografia, de acontecimentos semelhantes àqueles que serão reconstituídos na tela, enquanto o cinema de animação cria os acontecimentos por outros



meios diferentes do registo automático. Num filme de animação os acontecimentos realizam-se pela primeira vez de экран.

Émile Reynaud inventou e montou em 1899 o Teatro Óptico, baseado no praxinoscópio, de sua invenção, e que era capaz de projectar desenhos animados. Em 22 de Março de 1895, no momento em que apareceu o cinematógrafo dos irmãos Lumière, o Teatro Óptico de Émile Reynaud já tinha apresentado quatro mil sessões vistas por cento e setenta mil espectadores. O problema da projecção animada estava resolvido teoricamente e praticamente havia seis anos, três meses e vinte e dois dias, e explorado publicamente vinte e oito meses antes daquela data.

"O animador, mais do que qualquer outro criador cinematográfico, verifica que aquilo que existe sobre cada imagem muda é tão importante como aquilo que passa entre duas imagens".

Norman McLaren

"Os desenhos animados são na actualidade a única arte autêntica, noles e só neles o artista está absolutamente livre na sua fantasia e pode fazer na película tudo quanto lhe apeteça".

Charles Chaplin



Tarço-feira - dia 16 de Março

FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

Artista convidado: POPEYE

A PANTERA NO PARQUE DAS HERBEIRAS (Congratulations, it's pink)

A PANTERA CORTE LENHA (Pink is a many splintered thing)

A PANTERA PÁZ DAS NUAS (Slink pink)

A PANTERA E O CAVALEIRO ANDANTE (Pink Valiant)

POPEYE E A ESTAÇÃO DE SERVIÇO (Service with agulle)

Intervalo

POPEYE EM MUDANÇAS (Kevin away)

POPEYE NO ZOO (Pierching wood at the zoo)

A PANTERA E A BARRA (The pink package plot)

A PANTERA VAI PARA O HOSPITAL (The pink Pill)

A AJUDA DA PANTERA (Prefabricated pink)

A PANTERA BICO DE COLUBA (Pink blue plot)

Os filmes de Pantera Cor-de-Rosa são assinados por Fric Frelang e Harley Pratt.

Espectáculo para todos

A ARTE DA PANTOMIMA

Qualquer tratado de pantomima deve mencionar a arte, a simplicidade, o humor e a ênfase de Chaplin. Claro que existem outros artistas da pantomima que são excelentes, mas nesta categoria há poucos.

Quanto à questão do diálogo, de modo geral ("ad lib" ou redigido por uma equipa de escritores), é praticado por muita gente.

O mesmo acontece com os desenhos animados e comparações estabelecidas com custos de produção, personagens e efeitos cónicos, permitem-nos estabelecer um paralelo.

Antes do aparecimento do cinema sonoro, o desenho animado era pantomímico por necessidade e, portanto, já nessa época, o diálogo pronunciado existia, pois encontravam-se inscrito por cima da personagem.

A situação actual, no fundo, não mudou consideravelmente. Se houvermos de desenhos animados contemporâneos encontrámo-los sobrecarregados com diálogos



é o humor transparece nas palavras utilizadas, no gênero de voz empregado e na maneira como os diálogos são pronunciados. Há bem poucos desenhos que sejam pantomímicos.

Um dos melhores exemplos de desenhos animados bem estruturados e que são pantomímicos é a série "The Road Runner", da Warner Brothers. Esta série contém personagens criadas com êxito e que vivem há numerosas anos, beneficiando de uma grande popularidade.

A "estrela" mais jovem e mais extraordinária da pantomina é a Pantera Cor-de-Rosa. Em 1965, ela recebeu o Oscar da Academy of Motion Picture Arts and Sciences, de Hollywood pela sua "interpretação no desenho animado com o título "The Pink Panther", o primeiro da série realizado por DePatie-Freleng Enterprises.

Fris Freleng

Quinta-feira - dia 18 de Março

INVENÇÃO E ORIGINALIDADE NO FILME ANIMADO DA CHECOSLOVÁQUIA

A TOUPEIRA NO ZOO - Zdenek Miler

SONHO DE VIDRO

PÁSSAROS AVENTUREIROS - Vladimir Lehky

O QUE ESCONDIA O CHAPÉU

Intervalo

A TOUPEIRA E O TRANSISTOR - Zdenek Miler

FALSO ALARME - Antonin Horak

A GALINHA MÁGICA - Jiri Brdecka

O CHUPA-CHUPA DA TOUPEIRA - Zdenek Miler

Espectáculo para todos

O filme de animação da Checoslováquia tem trinta anos. Ele não pode orgulhar-se de uma tradição tão antiga como o cinema de imagem real deste país. Em 1945, os cineastas checoslovacos partiam do ponto zero. E, todavia, desde os primeiros tempos, atingiram um elevado nível de qualidade artística. No filme de marionetas, os três azes, Jiri Trnka, Karel Zeman e Hermína Týrlové foram, em pouco tempo, acompanhados por um outro mestre, Bretislav Pojer. Filmes como "Baryba", "O Rouxinol do Imperador", "Antigas Lendas Checas", "Inspiração" ou "Um Copo a Mais" obtiveram numerosas distinções em festivais de cinema e conferiram uma justificada reputação mundial ao filme animado da Checoslováquia.

Para os cineastas da Checoslováquia, nenhuma matéria é inacessível à animação. Desde a lã ao vidro, da madeira à plasticina, tudo serve para ilustrar os temas mais variados, assumindo sempre uma expressão original que se distingue nitidamente da produção corrente de países tradicionalmente fortes em animação.

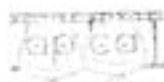


Prosseguindo uma evolução constante, os cineastas de Gottwaldov demonstram que uma linguagem aparentemente simplificada é capaz de exprimir o sentir de um povo.

Novos nomes de cineastas vieram juntar-se nestes últimos anos aos mestres consagrados internacionalmente. Entre eles destacam-se Zdenek Miler, Jiri Brdecka, Favel Prochaska, Zdenek Smetana, Josef Kluge, Jan Bedrich e o norte-americano Gene Delton, que há alguns anos decidiu fixar-se na Checoslováquia para aqui realizar filmes que se integram perfeitamente no estilo original desta cinematografia.

O cinema animado da Checoslováquia está por descobrir em Portugal e a evolução dos autores deste país pode servir de exemplo a todos os jovens que sonham com a possibilidade de um dia realizarem em Portugal filmes animados de expressão popular.

Vasco Granja



Sexta-feira - dia 19 de Março

A ANIMAÇÃO NA GRÃ-BREITANHA

A HISTÓRIA DO CINEMA

Título original - THE HISTORY OF THE CINEMA

Realização: John Hales

Produção: Hales and Batchelor Cartoon Films Ltd. (Grã-Bretanha, 1956).

Distribuição em Portugal: Rank Films.

Uma divertida evocação da história do cinema, baseada em factos reais apresentados de forma satírica, desde as maravilhas da Camera Obscura, de Roger Bacon à invenção e do cinematógrafo por Louis Lumière, focando a sua utilização por todos aqueles que só raciocinam em termos de bilheteira...

O SUBMARIÑO AMARELO

Título original - YELLOW SUBMARINE

Realização: George Dunning.

Argumento: Lee Minoff, All Brodax, Jack Mendelsohn e Erich Segal, segundo um tema de Lee Minoff sobre a canção homónima de John Lennon e Paul McCartney.

Direcção de animação: Heinz Edelman.

Animação: equipa do estúdio F.V. Cartoons.

Canções: "Yellow Submarine", "Nowhere Man", "Eleanor Rigby", "Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band", "Strawberry Fields Forever", "Lucy in the Sky with Diamonds", "When I'm Sixty-Four", "Fool on the Hill", "Only a Northern Song", "All Together Now", "Hey Bulldog", "It's All Too Much" e "All You Need Is Love", de Lennon -McCartney.



Arranjos musicais: "Pepperland", "Sea of Time", "Sea of Holes" e "Sea of Monsters", "March of the Meanies", "Pepperland Laid West" e "Yellow, Submarine" por George Martin.

Efeitos especiais: Charles Jenkins.

Interpretação vocal: The Beach, The Lord Mayor e Max: Dick Emery; Fred: Lance Percival; o chefe dos Blue Meanies: Paul Angelus; Lucy: Sheila Daniels.

Produção: Apple Films-King Features (Grã-Bretanha, 1968).

Distribuição em Portugal: Rank Filmes.

Não aconselhável a menores de 13 anos

Considerado o melhor filme de animação do mundo segundo o referendo organizado pelos Arquivos do Filme de Bucareste em 1971.

"Sabemos que há no filme coisas que amamos, sabemos que há no filme coisas que não voltam mais. Sabemos que este filme de es perança e futuro já olha para o passado, para a ferrugem da solidão que roe coisas e pessoas ("olhem para toda esta gente solitária").

Nos também ficará com testemunho, numa era de desilusão, mentira e maquiagem, como um poema erguido pelo cinema às forças indomáveis do amor.

A viagem do submarino amarelo mostra que só ele que é tudo poderá resgatar tudo".

JOSÉ VAZ PEREIRA



"Dizer que "O Submarino Amarelo" é a súpula de toda a história do cinema de animação é verdade mas não é toda a verdade. Quem se dar ao trabalho poderá descobrir no filme um pouco de tudo aquilo que conhece e, sobretudo, muito do que não adivinha. De Liverpool a Pepperland a distância não é longa e curtos os caminhos. Ao fim de cada viragem, à entrada de cada saída está mais uma maravilha ainda não catalogada. Tal como o arco-íris que sai do chapéu do mágico, o submarino amarelo é o submarino de todas as cores.

(...) Mas "O Submarino Amarelo" não é apenas uma revisão delirante do cinema de animação. A banda desenhada, a pintura, a música, a literatura e... o cinema, têm também lugar de honra neste admirável mundo novo. Se a arquitectura de Liverpool são destroços de solidão onde a esperança se chama rua, o interior onde vamos encontrar os Beatles é uma moldura de infância perene onde a imaginação joga às escondidas com a memória. Os heróis das histórias aos quadradinhos enfileiram com as vedetas de cinema e Frankenstein habita na porta ao lado do quarto onde King Kong continua as suas insólitas tentativas. No mar dos monstros, Ringo é salvo dos índios pela cavalaria norte-americana e, mais adiante, Lennon dança com Lucy uma coreografia que lembra irremediavelmente a presença fabulosa de Fred Astaire e Ginger Rogers".

EDUARDO GONÇALVES